



REDE
TEMPO
BRASIL



Boletim do Tempo Presente - ISSN 1981-3384

História e Cultura: o Som do *Heavy Metal* no Contexto da Guerra Fria

Mônica Porto Apenburg Trindade¹

Resumo: O presente artigo objetiva abordar a relação entre História e Cultura, focando no contexto da Guerra Fria e privilegiando o *heavy metal* enquanto estilo musical que surgiu em meio ao conflito. Para tanto, realizamos um panorama geral do cenário inglês e norte-americano, no qual esses artistas e bandas de *metal* estavam inseridos entre o final dos anos 1960 e na década posterior. A intenção é apontar os principais acontecimentos e questões que permearam ambas as realidades no período proposto e como isso impactou no surgimento do *metal* à época.

Palavras-Chave: Cultura; Guerra Fria; *Heavy Metal*.

History and Culture: the Sound of Heavy Metal in the Context of the Cold War

Abstract: This article aims to address the relationship between History and Culture, focusing on the context of the Cold War and favoring heavy metal as a musical style that emerged in the midst of the conflict. To do so, we performed an overview of the English and North American scene, in which these artists and metal bands were inserted between the end of the 1960s and the following decade. The intention is to point out the main events and issues that permeated both realities in the proposed period and how this impacted on the emergence of metal at the time.

Keywords: Culture; Cold War; Heavy Metal.

Introdução

A Guerra Fria teve início em 1947, caracterizando-se como uma guerra não declarada entre os Estados Unidos, país que encabeçou o bloco ocidental e a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (U.R.S.S), assinalada como bloco soviético. Os dois países emergiram como expoentes após o final da Segunda Guerra Mundial (1939 – 1945) e travaram uma disputa política e ideológica durante pouco mais de quatro décadas, finalizando em 1991, com a desagregação da U.R.S.S^{II}. Sua relevância se deve ao fato de que foi nesse período que aconteceu no mundo a culminância das transformações nas esferas política, econômica, social e cultural, já apresentadas no decorrer do século XX. Tais mudanças influenciaram significativamente o indivíduo quanto à maneira de se comportar e na forma como mantinham suas relações pessoais.

De acordo com Frederico Oliveira Coelho^{III}, o aumento da tecnologia e a ampliação da informação se constituíram como fatores preponderantes para as referidas transformações. Entretanto, o autor admitiu que o aceleração dessas mudanças ocorreu de forma preponderante durante a Guerra Fria, principalmente por conta da influência do movimento de contracultura, surgido ao final dos anos 1950 e que atingiu o seu auge na década posterior. Percebeu-se nessa fase, o surgimento de distintas formas de manifestação de pensamento na esfera da cultura, seja através da literatura, do cinema ou da música, a exemplo do *rock n' roll*.

Criado em meados dos anos 1950, nos Estados Unidos, o *rock n'roll* se tornou ao longo do tempo, um estilo musical entre os mais consolidados e populares do mundo. Diante de uma origem diversificada de ritmos a exemplo do *blues* e do *folk*, à medida que o *rock* foi se expandindo, agregou outras influências musicais, resultando em diferentes vertentes, ou subgêneros que foram despontando paulatinamente no decurso da Guerra Fria. Dentre as diversas vertentes que apareceram por volta dos anos 1970, destacamos o *heavy metal*, subgênero que emergiu simultaneamente nas sociedades inglesa e norte-americana no final da década de 1960, expandindo-se ao longo dos decênios de 70 e 80, graças ao seu característico som pesado e alto, marcado pelas distorções dos amplificadores e o som de *riffs* nas guitarras.

A expansão das diversas vertentes nessa fase ocorreu graças ao desenvolvimento de um mercado consumidor próprio, formado pelo público jovem. Por conta disso, o *rock* é um gênero musical que se caracteriza pela capacidade de adaptação, readaptação e reinvenção^{IV}, visando esse público que não somente ouvia as canções produzidas por seus artistas, mas também consumia outros produtos que se constituíam como elementos agregadores, a exemplo do vestuário e do tipo de cabelo utilizados.

No que concerne especificamente ao *heavy metal*, este pode ser considerado não só como uma vertente do *rock*, mas também como uma cultura, a “cultura do *heavy metal*”, cujas características sonoras, somando-se à indumentária utilizada e a um estilo de vida ligado a uma atitude tribal, se estabeleceram como definidoras do *metal* nos anos 1970 e principalmente no período oitentista^V.

Contudo, apesar de exibir esse caráter coletivo, a cultura do *heavy metal* começou a ser forjada numa época permeada pela crise política, socioeconômica e cultural, marcada por uma série de contradições e dominada pelo medo e dúvidas em relação ao futuro. Esses fatores instigaram a tentativa de uma investigação mais aprofundada acerca das questões que envolveram principalmente a década de 1970, fase que conviveu com a sensação de desilusão por não ter alcançado a plenitude do êxito esperado pelo movimento de contracultura, difundido com maior ênfase nos anos 60, e onde as contradições e desesperança podem ser observadas de forma mais perceptíveis^{VI}.

TRINTADE, M. P. A.

Assim, é nesse contexto de crise que permeou o referido período, que o *heavy metal*, encabeçado por bandas e artistas que originaram este subgênero, como os britânicos Black Sabbath, Led Zeppelin e Deep Purple, bem como os norte-americanos Jimi Hendrix, Steppenwolf e Blue Cheer, banda considerada por alguns críticos musicais como a pioneira do *heavy metal* nos EUA, mostraram ao mundo como viver no limite do hedonismo e em meio à força do “metal pesado”, conforme observaremos a seguir.

O *Heavy Metal* e os anos 1970: vivendo no limite da extravagância

Geralmente quando ouvimos alguém mencionar o termo “*heavy metal*” imaginamos logo que a pessoa está se referindo a um som mais pesado e barulhento, de um tipo de *rock* que é levado ao limite de sua potência. A noção de extremo associado ao termo é tão forte que ao longo do tempo o conceito de *heavy metal* foi sendo aplicado para outras situações do cotidiano como, por exemplo, em casos de uma prova ou seleção mais difícil, onde às vezes utiliza-se a seguinte frase “essa seleção está *heavy metal*!”, ou quando se deseja elogiar alguém que superou as expectativas, alcançando um alto patamar de qualidade na execução de determinada tarefa e então é dito: “nossa, isso foi *heavy metal*!”. Assim, ao *heavy metal* foi sendo atribuídos diferentes tipos de conceitos, mas sempre exibindo uma conotação de extremo, opulência e extravagância. Tom Leão ratificou que:

à parte sua contribuição musical, o *heavy metal* também trouxe para o *rock* vários novos conceitos. Como o de superbandas em shows super-produzidos; um estilo de se comportar e se vestir, e, sobretudo, pose, muita pose. Afinal, o que seria de um rocker metálico, de um banger, sem todo o aparato e pose que destaca os adeptos desta corrente “maldita” da moderna música pop? Ser diferente faz a diferença^{VII}.

E se o diferencial do *heavy metal* foi destacar-se perante os demais, as bandas que encabeçaram esse subgênero cumpriram tal tarefa com bastante empenho ao longo da década de 1970. No cenário inglês, certamente o trio de bandas britânicas formadas por volta de 1968, Led Zeppelin, Black Sabbath e Deep Purple, conseguiram reunir vários elementos que culminaram no estilo *metal* de ser. Iniciemos, portanto, falando sobre a banda londrina Led Zeppelin.

Capitaneada pelo guitarrista Jimmy Page (1944 -) e composta ainda pelo vocalista Robert Plant (1948 -), pelo baterista John Henry Bonham (1948 – 1980) e pelo baixista e tecladista John Paul Jones (1946 -), o Led Zeppelin alcançou na década de 1970 o apogeu de uma banda que conquistou o recorde de público nos shows, de vendas de discos arrecadando lucros exorbitantes para a indústria fonográfica à época e influenciou uma geração na maneira de se fazer *rock* e em relação ao estilo de vida que apresentavam no palco e no cotidiano.

Sem dúvida, nos anos 1970 a sociedade da desilusão, do medo e da incansável busca pelo prazer, recebeu o peso do som proposto pelo *heavy metal* através dos solos de guitarra distorcida tocada por Page, complementada pela voz aguda e potente de Plant, somados à força da bateria tocada por Bonham e pela segurança e criatividade de Jones no baixo e no teclado. Enquanto na década de 1960 os Beatles atraíam multidões falando que o mundo precisava de amor, amparados por um som menos barulhento e mantendo a imagem dos garotos de Liverpool, o Led Zeppelin arrebatava os fãs na década posterior com “o som de um trovão no meio de uma noite de tempestade”^{VIII}.

Na verdade, essa era a principal proposta da banda, apresentar mediante o som e a postura dos artistas no palco, toda uma atmosfera sombria, pesada e marcante típicas do *heavy metal*, mesmo quando as letras falavam também de amor. Para a década da contracultura, o

TRINTADE, M. P. A.

amor encabeçava um projeto revolucionário, de esperança de um futuro regido pela liberdade e as bandas e artistas abordavam esse desejo nas letras de suas canções e no tipo de som difundido. Enquanto isso, nos anos 1970, o amor podia até ser um instrumento de contestação e de liberdade, mas respaldado por letras que tinham uma abordagem mais ligada ao amor no sentido do prazer e, no caso do Zeppelin, do “(...) som de vozes contorcendo-se na escuridão que se espalhava pelas profundezas”^{IX}. Ainda de acordo com Mick Wall, o Led Zeppelin representava “(...) as peças pretas no tabuleiro de xadrez em que estavam dispostas as peças brancas dos Beatles”^X.

Outro aspecto importante que caracterizou o Zeppelin dizia respeito ao estilo de comportamento exibido pelos integrantes da banda no cotidiano e nos palcos. Numa década marcada pelo hiperindividualismo e hedonismo, viver a sua própria vida e seguir seus instintos e desejos parecia ser a atitude mais sensata e comum. Portanto, nos anos 1970 valia tudo desde que fosse prazeroso para aquele que estivesse desfrutando desse prazer. “(...) Fazer o que se desejava se transformou em lei”^{XI} e o Led Zeppelin levou isso a sério.

Em uma entrevista a Jimmy Page no ano de 2005, Mick Wall, autor e jornalista musical britânico, indagou o guitarrista se ele carregava consigo algum tipo arrependimento em relação a si próprio ou concernente à conduta da banda, quanto ao uso demasiado de drogas, no excesso de sexo e referente à maneira extravagante de se vestir. Na ocasião, Page respondeu que sentia arrependimento apenas por ter tido que acabar com tudo na década de 1980. De acordo com Wall, o guitarrista britânico ponderou que entre o final dos anos 1960 e durante a década de 1970 se vivia,

(...) uma época hedonista, entende? (...) Mas a questão é que estávamos sempre tocando. Talvez em uma ocasião muito rara isso tenha sido prejudicial – uma ocasião rara se considerarmos a quantidade de turnês. Mas queríamos estar no limite, isso alimentava nossa música^{XII}.

No limite. A expressão utilizada por Jimmy Page representou a máxima do universo *heavy metal* nos anos 70 do século XX. O som e a voz dos artistas deveriam atingir o limite de sua potência, o uso de drogas recorrentes à época como a cocaína, o LCD e a heroína, acompanhadas do álcool, também deveriam ser ingeridas até o limite do que o corpo suportava, sob a alegação de que haveria uma maior expansão da consciência e, semelhantemente o sexo, deveria ser praticado de forma livre e indiscriminada. O lema era “é proibido proibir” ou “cada um na sua” e as bandas de *metal* a exemplo do Led Zeppelin, lançavam mão dessa forma extravagante de viver. De acordo com Wall,

(...) No final dos anos 1960 e em boa parte dos anos 1970, tudo era mais solto, havia menos censura. Por algum tempo, tudo e qualquer coisa parecia possível. Pelo menos para muitos jovens brancos. E, se você pertencesse a uma banda inglesa viajando pelos Estados Unidos – qualquer banda naquele país -, era apenas sexo, drogas e rock’n’roll. Não que você fosse obrigado a participar, mas estava lá no prato, ou no espelho, se você quisesse. Deve ter havido algumas centenas de malucos espalhados pela Grã-Bretanha – e muito mais nos Estados Unidos – que, durante alguns anos, viveram a fase mais louca de suas vidas, viajando e tocando rock e vestindo-se, divertindo-se, divertindo-se no que então parecia a Terra Prometida^{XIII}.

A diminuição da censura e uma maior permissividade descrita por Wall entre o final dos anos 1960 e 1970 colaboraram para a sensação de que embora se estivesse vivendo sob um tempo de guerra, a tentativa da busca pela liberdade de expressão era uma constante na vida desses artistas. Na verdade, existia um paradoxo à época que, por um lado, procurava-se atender

TRINTADE, M. P. A.

aos anseios de uma sociedade hedonista, sobretudo, dos jovens e, por outro lado, o desejo de viver no limite da liberdade esbarrava-se com a realidade do conservadorismo que ainda perpassava essa mesma sociedade.

Na revista brasileira “Fatos e Fotos”, lançada em novembro de 1968, foi publicada uma matéria que abordava problemas entre a justiça da cidade da Califórnia, nos EUA e o proprietário de um bar em Los Angeles. A querela aconteceu devido ao uso de topless pelas garçonetes que serviam os frequentadores do bar. Por conta desse episódio, o procurador-geral da Califórnia ordenou o fechamento do estabelecimento sob a alegação que expor os seios não estava previsto na Constituição dos EUA e o dono do bar, Montell Meacham, foi intimado pela Corte Suprema do país.

Na ocasião, Meacham defendeu-se da seguinte maneira: “(...) se minhas garôtas (sic) mostram os seios é porque querem manifestar ao público sua imensa alegria de viver. E êste (sic) é um direito concedido pela Constituição aos cidadãos americanos”^{XIV}. Apesar de Meacham ter reivindicado o direito de livre expressão das suas garçonetes, a sentença aplicada anteriormente pelo procurador permaneceu inalterada, o que mostra claramente que o hedonismo e o conservadorismo conviviam paralelamente na época em que surgiu o *heavy metal*.

Contudo, apesar desse paradoxo entre uma postura mais conservadora ainda presente e a total liberdade, ou libertinagem, como diriam alguns, é fato de que as drogas para essas bandas faziam parte de todo esse universo. De acordo com Wall, “(...) é claro que agora é difícil imaginar alguma banda de *rock* dos anos 1970 que não visse as drogas como parte essencial do pacote”^{XV}. Na verdade, esses artistas vislumbravam nas drogas um agente de inspiração para a composição das letras das canções e para a criação da persona que os envolvia enquanto *rockstars*.

Diante disso, o *heavy metal* se constituiu como um instrumento bastante poderoso na década de 1970 e permitiu que bandas como o Led Zeppelin fossem verdadeiramente veneradas pelo público. Nesse sentido, a criação de uma persona por parte das bandas que subiam ao palco interagindo com a plateia de forma teatral, vestindo jeans surrados e justíssimos no corpo, levando as fãs à completa histeria, além dos cabelos longos e esvoaçantes e o uso impactante da cor preta que ratificava o lado sombrio do *metal*, colaborou para que os shows se transformassem em verdadeiros espetáculos e, seus artistas, alcançassem o patamar de ídolos do *heavy metal*.

Esse tipo de comportamento extravagante era recorrente no Led Zeppelin. Na década de 1970 a banda ganhou fama também pela produção de mega espetáculos. Além disso, os integrantes se comportavam como semideuses e, como tal, podiam qualquer coisa, desde ter a garota que quisesse, o bem material mais caro que o dinheiro pudesse comprar, ou até mesmo portar armas. Wall admitiu que durante o auge do potencial comercial da banda, por volta de 1975 “(...) os caras do Led Zeppelin se achavam os reis, carregavam armas e tudo o mais. Era tudo muito esquisito. Parecia coisa de gangue”^{XVI}.

Mas não se tratava de qualquer “gangue”. O luxo e a pose, típicas de astros do *heavy metal*, conforme já falamos anteriormente no texto, revestiam o grupo como uma espécie de verniz necessário para o devido destaque da banda perante uma sociedade em crise. O jornalista e músico irlandês Bernard Patrick Fallon (1946 -), mais conhecido como B. P. Fallon, que trabalhou como publicitário dos The Beatles, do Led Zeppelin, entre outras bandas, deu o seguinte depoimento a Mick Wall em relação ao Zeppelin,

(...) “Eles eram os reis do castelo – os maiores (...) O Led era assim, com o volume no máximo. (...) As vendas eram recordes, os discos saíam da Atlantic com velocidade

TRINTADE, M. P. A.

estonteante! Um avião maior, mais vistoso e muito mais divertido do que o do presidente Nixon levando aquelas divindades de uma cidade a outra, onde policiais de motocicletas com sirenes escoltariam o comboio de limusines negras passando por semáforos vermelhos e avenidas que davam para outro estádio imenso, em que os fiéis estavam prontos para enlouquecer aos pés de seus redentores^{XVII}.

Contudo, se o Led Zeppelin mostrou toda a extravagância que uma banda de *heavy metal* poderia exibir na década de 1970, despertando o interesse e a identificação dos jovens com suas canções e modo de vida, outra banda atrairia a atenção da garotada não só pela execução de um som pesado, semelhantemente ao do Zeppelin, mas por conta da utilização de uma estética baseada no terror, cujas letras das canções, comportamento e indumentária que circundava o universo da banda estava permeada pela noção do mal que acompanhou o *heavy metal* desde o início do seu surgimento. Estamos nos referindo ao Black Sabbath.

Criada oficialmente em 1969, na cidade de Aston, distrito de Birmingham (Reino Unido) a banda Black Sabbath foi composta pelo guitarrista Tony Iommi (1948 -), pelo vocalista Ozzy Osbourne (1948 -), somando-se ao baixista e principal letrista Terry Geezer Butler (1949 -) e o baterista Bill Ward (1948 -). O grupo britânico é considerado por estudiosos do subgênero e críticos musicais, como o próprio sinônimo de *heavy metal* graças à criação de riffs específicos e ao uso de certos tipos de simbologias “(como o famoso sinal do demo)”^{XVIII}.

O primeiro álbum da banda “Black Sabbath”, lançado em fevereiro de 1970, numa estratégica sexta-feira 13, conquistou rapidamente o sucesso, ficando entre os dez discos mais vendidos da Inglaterra. Tom Leão explicou o motivo que levou ao sucesso da banda no começo de 1970, “(...) nenhum outro disco da época tinha uma banda como aquela, fazia um som como aquele (riffs poderosos e marcantes), baseado mais em cima do ritmo que da melodia e tinha um vocalista que cantava desesperado como Ozzy”^{XIX}.

Enquanto isso, no final de 1970 a banda já havia alcançado um reconhecimento por seu trabalho, sendo incluído entre os principais nomes do *metal* na Inglaterra e, em meados de 1971, conquistou o mercado musical norte-americano graças ao lançamento do terceiro álbum “Masters of Reality”, cuja venda de cópias ficou em torno de 200 mil. No ano seguinte a banda consolidou de vez o seu prestígio com o lançamento do Volume 04, quando o Black Sabbath recebeu do público e da crítica dos EUA a notoriedade que faltava, sendo colocada no patamar de bandas como Led Zeppelin e Deep Purple^{XX}.

No entanto, a identidade “macabra” que imprimiu no Black Sabbath um jeito diferente de se fazer *heavy metal*, nem sempre teve uma boa aceitação do público e de setores da imprensa, bem como de outras bandas à época. Mick Wall relatou como Terry Geezer percebia as impressões que a mídia e outros setores da música possuíam a respeito do Black Sabbath no início de sua carreira. De acordo com Wall, Geezer ponderou que, (...) “durante anos, nós simplesmente nos achávamos uma merda – a imprensa nos odiava, dizia que não sabíamos compor, que não sabíamos tocar... Outras bandas nos odiavam, todo mundo”^{XXI}.

Certamente o tipo de *heavy metal* proposto pelo Sabbath provocou uma inquietação na sociedade no sentido da banda tocar em aspectos que atravessavam o imaginário das pessoas como o medo e a atração pelo desconhecido, seja este representado através da morte, com as cruzes utilizadas, caveiras etc., ou por meio da representação do diabo, que se constituía como a força do mal que rondava a terra e os corações humanos. O ódio que a imprensa e outros setores sentiram pela banda, relatado por Geezer, está relacionado de alguma maneira com a estética do terror proposta pela banda.

Mick Wall realizou a seguinte ponderação acerca desse tipo de estética que podia ser ouvido claramente na música, na postura dos quatro integrantes da banda no palco e a partir dos demais elementos que circundavam o universo do Black Sabbath:

TRINTADE, M. P. A.

(...) aqueles riffs de guitarra crucificados, tocados com sabor tão pesado, marcados por um baixo ribombante e uma bateria detonadora, tudo isso junto proporcionava um som como o de um corpo sendo tirado de um rio. Aqueles vocais com toques horripilantes: tão dramáticos e patéticos quanto o som de um cisne morrendo. Cheio de anseios antigos, de machucados autoinfligidos com cascas arrancadas e gritos de almas perdidas. Os três zumbis caminhando pelo palco com cruzeiros e bigodes absurdos apodreciam em seus próprios venenos, enquanto o quarto zumbi pegava fogo sozinho no fundo, os quatro se combinando para garantir um quinto elemento: o rosto esburacado do mais brutalmente deformado estilo de rock que já forçou sua aparição entre nós, fedendo e sujo de sangue^{XXII}.

Portanto, o Black Sabbath trouxe através da estética do terror um peso inesperado para a época em seu som, dando continuidade aos experimentos que já ocorriam em torno da psicodelia na década de 1960, mas caminhando no sentido contrário a um tipo de estética colorida, adotada ainda por algumas bandas de rock à época. Na década de 1970 o *heavy metal* proposto pelo Sabbath representava o macabro, as sombras de um período instável, de medo e falta de perspectiva diante do futuro. Nesse sentido, lidar de frente com seus próprios monstros e com a dura realidade vivida em tempos de guerra talvez se configurasse como uma espécie de conselho ofertado pela banda naquele momento.

Mas, se a estética do terror pode ter sido adotada pela banda como um tipo de cosmovisão relacionada ao tempo vivido, tal forma de enxergar o mundo também perpassava pelo *carpe diem* (curta o momento), tão presente na maneira hedonista de se viver nos anos 1970 e os integrantes do Black Sabbath lançaram mão de aproveitar a vida no limite, claro, acompanhados em boa parte do tempo pelas drogas e todo tipo de extravagância possível.

Mick Wall apontou a seguinte declaração feita por Ozzy Osbourne sobre a banda nessa época: “naquele momento estávamos todos completamente doidos! A gente ficava acordado durante dias. Algumas vezes eu colocava fogo em mim mesmo com o cigarro, deitado na cama, chapado. Eu acordava e havia uma labareda no meu peito”^{XXIII}. As palavras de Ozzy refletem a condição de vida extravagante e de despreocupação com o perigo da morte levada pelos astros do *rock* durante a década de 1970. Em meio ao uso exacerbado de álcool, maconha, cocaína, heroína e até Demerol (um opiáceo sintético parecido com morfina), parecia mesmo que a finitude da vida se configurava como o menor dos problemas.

Entretanto, na busca pelo ilimitado, seja através do som ou da maneira de se viver, outra banda que também despontou no cenário do *heavy metal* britânico no final dos anos 1960 e que conquistou semelhante fama e a experiência de uma vida permeada pela busca do hedonismo foi o Deep Purple. Passando por diferentes formações desde sua criação, em 1968, na cidade de Londres, o Purple contou com a sua constituição mais bem sucedida comercialmente entre os anos 1969 a 1973, com a participação de Ian Gillan (1945 -) no vocal, Ritchie Blackmore (1945 -) como guitarrista, Jon Lord (1941 -) no teclado, Roger Glover (1945 -) como baixista e Ian Paice (1948 -) na bateria.

Ao lado dos contrerrôneos britânicos Led Zeppelin e Black Sabbath, o grupo se configurou como uma das bandas mais famosas de *heavy metal* na década de 1970, principalmente a partir do quarto álbum da banda, o “Deep Purple In Rock”, lançado em junho de 1970, cujas faixas “Speed Kings” e “Into the Fire”, contribuíram para a introdução de um som mais pesado produzido pelo conjunto. Enquanto isso, no ano seguinte, conquistou uma posição privilegiada nas paradas de sucesso na Inglaterra e um honroso 32º lugar nos EUA^{XXIV}.

Por sua vez, em 1972 a banda atingiu o apogeu com o lançamento do disco “Machine Head”, composto por canções como a emblemática “Smoke on the Water”, e “Highway Star”

TRINTADE, M. P. A.

que marcaram definitivamente o som mais pesado proposto pelo Deep Purple e se tornaram fonte de inspiração para outras bandas de *heavy metal* que surgiram posteriormente. De acordo com Leão, “Machine Head” foi o disco onde,

(...) saíram canções definitivas como “Smoke on the water” (cujo riff ecoa até hoje e inspira bandas de metal a grupos de rap), “Highway Star” (a canção mais emblemática do heavy metal desde “Born to be wild”) e “Space truckin”. Todas se tornaram músicas obrigatórias nos shows do DP dali por diante. *Machine Head* não apenas repetiu a primeira posição para a banda na parada britânica como chegou em sétimo na americana e logo se espalhou pelo mundo, triplicando os fãs do Deep Purple. Em termos gerais, o disco foi o maior sucesso de vendas na carreira da banda, vendendo na época cerca de três milhões de cópias e aumentando os números em suas várias reedições^{XXV}.

Ou seja, percebemos através dos dados exibidos pelo autor, que ao longo da década de 1970 o Deep Purple, juntamente com o Zeppelin e o Sabbath colaboraram para que o *heavy metal* se tornasse um subgênero amplamente divulgado não somente no cenário musical britânico, mas também nos EUA. Apesar de ter sofrido uma forte influência do *blues*, da psicodelia, do *soul*, do *jazz* e também da música clássica, o Deep Purple criou um som único e pessoal, com grande desenvolvimento instrumental e vocalistas poderosos, cujas vozes partiam do sussurro ao murmúrio sem a menor pausa.

De acordo com uma das primeiras revistas brasileiras voltadas para o público jovem, publicada na década de 1970, “Rock, a História e a Glória”, o Deep Purple se constituiu como uma banda que soube se adequar aos novos rumos que o *rock* ia seguindo nos anos 1970. Segundo a matéria publicada em 1975, era possível perceber na proposta da banda,

(...) os sinais da nova era, da nova década, exigindo um novo tipo de música, um novo tipo de rock, feroz, industrializado, tecnológico e um pouco cínico como os anos 70, anos de dissolução, debandada, ceticismo, complexidade. (...) Armazenado de ideias novas com Gillan e Glover, tinha descoberto que podia compor, construir sua própria música. E estava moldando essa música para os anos que viriam: acentuando, pesando e explodindo cada compasso, cada riff conhecido do rock da década passada. A isso se chamaria hard rock, ou heavy metal. Seu ano de definição, 1970. Seus definidores: o Led Zeppelin, com seus álbuns I e II, o Black Sabbath, com o *Paranoid*. E o Deep Purple, com o *In Rock*: básico, carne, sangue^{XXVI}.

A revista ainda expôs uma afirmação proferida por Jon Lord em relação à forma como os críticos encaravam o *heavy metal* e acerca da importância que o subgênero teve para a juventude dos anos 1970. Além disso, o tecladista inglês também mencionou a diferença entre o tipo de sonoridade produzido pelo Deep Purple e o realizado pela banda Black Sabbath, por exemplo, admitindo que haviam maneiras diferentes de se elaborar o mesmo *metal*, abarcando cada vez mais um público amplo e diversificado. De acordo com as palavras de Lord explicitadas no periódico:

(...) “eu sei que os críticos não gostam muito desse tipo de música”, diria Lord alguns anos depois. “Mas acho que ela deve ser necessária, porque senão não haveria público, nem sucesso, certo? Creio mesmo que se não fosse pelo metal essa nova geração seria um bocado mais agressiva. Muita gente põe o Purple na mesma categoria do Black Sabbath. Isso faz sentido na medida em que nós temos as mesmas raízes e viemos da mesma época, o fim dos anos 60. Mas creio que o Purple tem mais bom humor e não se deixa aprisionar por rótulos ou truques de imagem, como o Sabbath”^{XXVII}.

TRINTADE, M. P. A.

Para além das comparações e diferenças apontadas por Lord entre as duas bandas e as disputas de ego que certamente aconteciam entre os astros do *heavy metal* nos anos 1970, chama a atenção o fato de o tecladista ter admitido que o *metal* nesse período se constituísse como um agente apaziguador ou mesmo canalizador da agressividade dessa geração. Numa época onde as bandas cometiam todo tipo de excessos, inclusive nos shows, sem contar com o registro de brigas, quebra-quebra e cenas de violência entre o público participante, a afirmação realizada por Lord pareceu um pouco paradoxal.

No entanto, se voltarmos à ideia de que o *heavy metal* é na verdade uma cultura e possui um sentido de tribo, ou de família, conforme já foi mencionado ao longo desse capítulo, é justamente no seio dessa família que seria permitido extravasar todo o descontentamento, medo, pessimismo e desilusão que permeavam as mentes e os corações da geração que viveu os anos 1970. Lord, talvez, quisesse dizer que se não fosse pelo *metal*, toda a agressividade contida na juventude por conta do próprio contexto vivido na década de 70 seria mais explosiva e causaria maiores danos à sociedade.

Em “Rock, a História e a Glória” o guitarrista Tony Iommi ponderou a respeito da forma como o Black Sabbath percebia o mundo durante os anos 1970 e como esse contexto influenciava o som e as letras produzidos pela banda. Para Iommi, o público identificava-se com a música do Sabbath, porque, apesar do som pesado e letras que falavam sobre angústia, o *heavy metal* produzido pela banda causava também um efeito aglutinador, onde as pessoas encontravam uma espécie de conforto oriundo de sujeitos que sentiam e pensavam de maneira semelhante. De acordo com a revista, o guitarrista inglês afirmou que,

“(…) é claro que nossa música fala de coisas deprimentes. Ela é bastante deprimente mesmo, em muitos pontos. Mas o que a gente pode fazer? A gente fala do mundo à nossa volta. O mundo não é nada bonito. Não que a gente ache legal as pessoas virem curtir um bode conosco. Não é isso. Mas elas ficam solidárias conosco porque sentem a mesma angústia. (...) Os adolescentes especialmente se amarram na gente. Na Inglaterra é uma transa de identificação com nossas figuras, com nosso background. Mas na América é que é uma loucura. Lá é tudo tão violento que eles levam tudo a extremos. Eles adoram esse lance de magia negra. Vão ver nossos shows como quem vai a um filme de terror, só que com mais barulho, é claro”^{XXVIII}.

A afirmação de Tony Iommi indica o quanto o *heavy metal* possuía esse efeito aglutinador, que provocava nos jovens o sentimento de pertencimento e aconchego e, ao mesmo tempo, de catalizador, de acordo com Lord, servindo como um meio de desabafo, de extravasar toda a agressividade acumulada. Nesse sentido, seja por intermédio das canções produzidas, do som pesado emitido, ou através da atitude no palco e na vida, as bandas Led Zeppelin, Black Sabbath e Deep Purple, conseguiram refletir significativamente o contexto de desilusão, violência, medo e hedonismo dos anos 1970, transformando toda essa realidade em arte na forma de som. No som do *heavy metal*.

Porém, não só os britânicos refletiram os acontecimentos dos anos 1970 e utilizaram o *metal* como um instrumento agregador dos jovens. Nos Estados Unidos, berço do *rock*, bandas como Steppenwolf, Blue Cheer e o guitarrista Jimi Hendrix, deram o ponto de partida ainda no final dos anos 1960 para que o *heavy metal* se tornasse um dos estilos de *rock* mais conhecidos e importantes na década de 1970.

É o caso do cantor e guitarrista Jimi Hendrix (1942 -1970). Considerado pelos críticos musicais como um dos expoentes roqueiros dos EUA, Hendrix elaborou suas canções sendo fortemente influenciado pelo *blues*, *folk* e *psicodelia* dos anos 60, semelhantemente ao tipo de som realizado pelo Led Zeppelin, por exemplo. Contudo, o guitarrista norte-americano também

TRINTADE, M. P. A.

lançou mão do uso de distorções na guitarra e amplificadores, além de apresentar uma voz forte e uma postura no palco e na vida característicos dos demais artistas que despontavam no universo do *heavy metal* britânico à época.

No final da década de 1960, quando Hendrix saiu da banda Experience e começou a seguir carreira solo, acreditava que sua música havia tomado um rumo diferente, com maior influência do jazz e da música clássica (gênero que influenciou significativamente o *heavy metal*), mas sem perder a característica marcante do *blues*. David Comfort admitiu que Jimi Hendrix nessa fase, havia assumido uma abordagem mais clássica na maneira de tocar e de adquirir outras influências para compor suas canções. Segundo Comfort, o cantor realizou a seguinte afirmação,

“(...) eu curto Strauss e Wagner – esses caras são bons – e acho que vou usá-los como base para a minha música”. (...) Flutuando no céu acima haverá o blues... e haverá música celeste ocidental, e música para viajar, e todas se fundirão para formar uma”. Mas antevia que essa transição não seria fácil para seus fãs. “O problema é que estou esquizofrênico de pelo menos 12 maneiras diferentes”, admitiu, “e as pessoas não conseguem se acostumar”^{XXIX}.

Podemos notar que Hendrix tinha a noção do quanto às transformações desejadas por ele na maneira de se fazer *rock* no final dos anos 1960, teriam um impacto significativo na recepção do seu público. Talvez o guitarrista só não tivesse a consciência ainda de como esse novo tipo som contribuiria para a construção do emergente *heavy metal* nos EUA durante a década de 1970.

Além de Jimi Hendrix, outra banda que apareceu no final dos anos 60 no cenário norte-americano e que utilizou o termo “heavy metal” pela primeira vez na canção “Born to be wild”, lançada em 1968, foi a banda Steppenwolf. Criada em 1967, na cidade de São Francisco, no norte da Califórnia, o Steppenwolf teve como componentes em sua formação original o vocalista e guitarrista John Kay (1944 -), o também vocalista e baterista Jerry Edmonton (1946 - 1993), o guitarrista Michael Monarch (1950 -), o tecladista Goldie McJohn (1945 - 1917), e o baixista Rushton Moreve (1948 - 1981).

O verso completo descrito na mencionada canção “heavy metal thunder” (o trovão do heavy metal) referia-se provavelmente ao som barulhento provocado pelas motocicletas utilizadas à época, pois “(...) vivia-se os tempos dos motoqueiros *easy riders* e suas possantes *choppers* (aquelas motos enormes, com um garfo longo e uma roda menor na frente)”^{XXX}. Nesse sentido, além da banda ter aplicado a utilização do termo ao ruído vindo dos motores dessas motos, toda a construção da canção gira em torno da sensação de liberdade, aventura e prazer provocados pelo som do “heavy metal thunder”. Ademais, as jaquetas de couro, o uso das tachas niqueladas nas roupas e os cabelos mais longos ao vento, arrematavam obrigatoriamente a indumentária desses motoqueiros, conforme visto no filme “Easy Rider”, lançado em 1969 e que carregou em sua trilha sonora a canção “Born to be wild”, bem como na maneira com a qual os integrantes da banda se vestiam também.

Portanto, coube à banda Steppenwolf, não só a colaboração no sentido de “batismo” do termo “heavy metal”, mas também em relação ao próprio tipo de som mais pesado produzido pela banda, conforme observamos nos álbuns lançados a partir de 1968, a exemplo do “Steppenwolf”, onde encontramos a canção “Born to be wild” e nos demais discos lançados na década de 1970, como o “Steppenwolf 7”, disponível no mercado musical em 1970 e o “For Ladies Only”, lançado um ano depois, para citarmos apenas alguns álbuns produzidos nesse período.

TRINTADE, M. P. A.

A próxima banda que apesar de não ter adquirido o devido reconhecimento nos anos 1970, mas reuniu todos os elementos do *heavy metal* no cenário estadunidense foi a banda Blue Cheer. Tendo sido formada também em São Francisco, na Califórnia, em 1967, pelo baixista e vocalista Dickie Peterson (1946 – 2009), pelo guitarrista Randy Holden (1945 -) e pelo baterista Paul Whaley (1946 – 2019), o Blue Cheer produziu um dos sons mais pesados e barulhentos que se podia ouvir nos EUA durante essa fase e no começo da década de 1970.

A principal característica do trio era conciliar o som do *blues* com os efeitos pesadíssimos produzidos pelas distorções da guitarra, combinadas com a força da bateria e o imponente som do baixo. De acordo com uma matéria publicada pelo El País, em fevereiro de 2019, a respeito das controvérsias que existem entre os estudiosos do tema em torno de quem foi a primeira banda de *heavy metal* da história ou de qual foi a primeira canção considerada de *metal*, há certo consenso em admitir que o Black Sabbath se configurou como a primeira banda do gênero.

Entretanto, a matéria revelou que, de acordo com os historiadores que se debruçam no tema, o Blue Cheer é considerado como o grupo que gravou a primeira canção considerada de *heavy metal* devido não só ao tipo de som produzido, mas também por conta de outros elementos que acompanhavam o trio. Segundo o jornal El País,

(...) os historiadores do rock afirmam que foi outra banda que gravou a verdadeira primeira canção de heavy metal. Agora já podemos revelar o mistério. Falamos de um grupo bem desconhecido para os não iniciados, Blue Cheer. Assim o trio é apresentado pela revista inglesa *Classic Rock*: “Tinham um Hell’s Angel como empresário, foram desprezados pelas outras bandas da cena e tocaram tão alto que o pessoal fugia de seus shows com medo no corpo. Os integrantes do Blue Cheer tomavam ácido, se vestiam com calças justas, enchiam os palcos de seus shows com intermináveis filas de amplificadores Marshall e demonstraram, de uma vez por todas, que quando falamos de rock, mais é sempre melhor”^{XXXI}.

A canção em questão lançada pelo Cheer, que alguns historiadores apontam como a primeira do gênero *heavy metal* é a uma versão da canção “Summertime Blues”, lançada em 1959, pelo cantor norte-americano Eddie Cochran (1938 – 1960). A banda simplesmente transformou uma canção típica de *rock’n roll* dos anos 1950, que se aproximava mais do tipo de som produzido por Chuck Berry e Elvis Presley, numa canção que de tão barulhenta, parecia que a sonoridade da guitarra distorcida e da bateria que não parava um minuto, somando-se ao vocalista que poderia alcançar até o último expectador da plateia, tinha a intenção de provocar uma espécie de revolução dos sentidos através do som.

Além da parede de amplificadores utilizados pela banda e da explosão de riffs pesados, o Blue Cheer também apresentava um estilo que continha um forte apelo visual. De acordo com Luís Gustavo Melo, criador do site “Polimorfismo Perverso”, voltado para o entretenimento, principalmente no que concerne ao universo do *rock*, o trio norte-americano era selvagem e extravagante não só em relação ao desempenho exibido no palco, mas no que se referia à aparência uma vez que,

(...) não era só a selvageria da performance desse pessoal que intrigava o público descolado que frequentava o lendário estabelecimento do empresário Bill Graham – o trio também esbanjava estilo e possuía um forte apelo visual. Aqueles caras definitivamente não eram hippies... e com aquela postura badass de rockers radicais, metidos em roupas extravagantes, com cabelos compridos e desgrenhados, eles estavam mais para desajustados fora-da-lei que gostavam de confusão^{XXXII}.

TRINTADE, M. P. A.

Luís Melo admitiu ainda que a banda sempre apresentou uma postura de insatisfação perante o ideal escapista e otimista que permeava a década de 1960 e esse descontentamento certamente influenciou a maneira pesada com que a banda desenvolveu seu som. De acordo com Melo,

como autênticos punks de rua, (...) não se identificavam em nada com o escapismo do mundo cor-de-rosa do flower power – sentiam-se pessoalmente atacados sempre que coisas como “California Dreamin”, e “San Francisco (Be Sure to Wear Flowers in Your Hair)” tocavam no rádio – e, como a maioria dos jovens de sua geração, não estavam nenhum um pouco felizes com o rumo que a América vinha tomando com a escalada do conflito no Vietnã; percepção e sentimentos que possivelmente influíram no aspecto sombrio da música que eles faziam^{XXXIII}.

Estando, portanto, mais voltados para o contexto realista e sombrio apresentado no final dos anos 1960, cuja década posterior traria o ápice dessa obscuridade, o Blue Cheer demonstrou através de sua música, todos os elementos necessários para que o *heavy metal* fosse inserido na sociedade estadunidense. Envolvidos por um contexto cultural conturbado e sob as incertezas quanto ao futuro, “Vincebus Eruptum” álbum de estreia da banda, em 1968, pode ser encarado como resultado do próprio clima de inquietação que havia nos EUA nesse período.

Considerações Finais

Desta forma, consideramos que o surgimento do *heavy metal* no cenário inglês e norte-americano por volta de 1968, bem como seu crescimento na década de 1970 através das bandas e artistas que se constituíram como pioneiros, resultou tanto da necessidade da adaptação e readaptação intrínsecas de um gênero com características polimórficas e que esteve voltado para um público apto por novidades (o jovem), como também pelas mudanças ocorridas dentro do próprio contexto especificado.

No caso dos artistas, observamos que estes ocupavam os espaços públicos através das apresentações e dos shows, apresentando suas questões e imprimindo determinado tipo de marca por meio do comportamento exibido, das roupas utilizadas e mediante as ideias transmitidas pelas canções. Enquanto isso coube ao público jovem que aderiu ao *metal* como estilo de vida, compreender não somente os acontecimentos que ocorriam nessa fase da Guerra Fria sob a ótica desses artistas, mas também procurar entender a si mesmo e em como atuar numa sociedade caótica e com poucas perspectivas para o futuro.

Notas

^I Doutora em História Comparada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGHC/UFRJ). Mestre em Educação e Licenciada em História pela Universidade Federal de Sergipe (PPGED/DHI/UFS). Integrante do Grupo de Estudos do Tempo Presente (GET/UFS/CNPq).

^{II} MUNHOZ, Sidnei J. Guerra Fria: um debate interpretativo. In: **O século sombrio: Uma História Geral do Século XX**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004. p. 218.

^{III} COELHO, Frederico Oliveira. Revolução Comportamental no Século XX. In: **O século sombrio: uma história geral do século XX**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.

^{IV} CHACON, Paulo. **O que é Rock**. São Paulo, Editora: Brasiliense, 1983. (Coleção Primeiros Passos).

^V Sobre a cultura do heavy metal, ver o documentário **Metal: Jornada Headbanger**. Direção: Sam Dunn, Scot Mc Fadyen, Jessica Joy Wise. Produção: Bangers Filmes, 2005. Duração: 1h36m. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yHekU5x2hx8>. Acesso em 20/03/2022.

- ^{VI} ARRUDA, Ricardo Sinigaglia. **Crise no Underground Londrino: Uma Análise do Led Zeppelin IV**. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Paulo. Guarulhos, 2019. Disponível em: <https://repositorio.unifesp.br/handle/11600/59743>. Acesso em: 24/10/2022.
- ^{VII} LEÃO, Tom. **Heavy Metal: guitarras em fúria**. São Paulo: Ed. 34, 1997. (Coleção Ouvido Musical), p. 14.
- ^{VIII} WALL, Mick. **Led Zeppelin: Quando os gigantes caminhavam sobre a Terra**. 2 ed. São Paulo: Globo, 2017, p. 175.
- ^{IX} *Ibidem*, p. 175.
- ^X *Ibidem*, p. 175.
- ^{XI} *Ibidem*, p. 23.
- ^{XII} *Ibidem*, pp. 22, 23.
- ^{XIII} *Ibidem*, p. 311.
- ^{XIV} Revista Fatos e Fotos. Brasília, 14 de novembro de 1968. Ano VIII, n. 406, p. 30.
- ^{XV} WALL, *op. cit.*, p. 362).
- ^{XVI} *Ibidem*, p. 361.
- ^{XVII} *Ibidem*, p. 311.
- ^{XVIII} LEÃO, *op. cit.*, p. 48.
- ^{XIX} *Ibidem*, p. 49.
- ^{XX} *Ibidem*, p. 50.
- ^{XXI} WALL, Mick. **Black Sabbath: a biografia**. 1 ed. São Paulo: Globo Livros, 2014, p. 9.
- ^{XXII} *Ibidem*, p. 9.
- ^{XXIII} *Ibidem*, p. 95.
- ^{XXIV} LEÃO, *op. cit.*, p. 57.
- ^{XXV} *Ibidem*, p. 57.
- ^{XXVI} Jornal de Música: Rock, a História e a Glória. Rio de Janeiro: Maracatu Editora. n.º. 13, p. 5. Disponível para download em: <https://www.collectorsroom.com.br/2015/02/edicoes-da-revista-rock-historia-e.html?m=1> . Acesso em: 11/03/2022.
- ^{XXVII} Jornal de Música: Rock, a História e a Glória. Rio de Janeiro: Maracatu Editora. n.º. 13, pp. 5, 6. Disponível para download em: <https://www.collectorsroom.com.br/2015/02/edicoes-da-revista-rock-historia-e.html?m=1> . Acesso em: 11/03/2022.
- ^{XXVIII} Jornal de Música: Rock, a História e a Glória. Rio de Janeiro: Maracatu Editora. n.º. 19, p. 11. Disponível para download em: <https://www.collectorsroom.com.br/2015/02/edicoes-da-revista-rock-historia-e.html?m=1> . Acesso em: 11/03/2022.
- ^{XXIX} COMFORT, David. **O Livro dos Mortos do Rock: revelações sobre a vida e a morte de sete lendas do Rock'n Roll**. São Paulo: Aleph, 2010. p. 53.
- ^{XXX} LEÃO, *op. cit.*, p. 13.
- ^{XXXI} El País, “Qual foi a primeira música de heavy metal da história?”, 2019. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/01/15/cultura/1547571872_058649.html. Acesso em: 13/03/2022.
- ^{XXXII} Polimorfismo Perverso, 2018, Blue Cheer: Mais Barulhentos que Deus. Disponível em: <https://polimorfismoperverso.wordpress.com/2018/06/10/blue-cheer-mais-barulhentos-que-deus/>. Acesso em: 14/03/2022.
- ^{XXXIII} Polimorfismo Perverso, 2018, Blue Cheer: Mais Barulhentos que Deus. Disponível em: <https://polimorfismoperverso.wordpress.com/2018/06/10/blue-cheer-mais-barulhentos-que-deus/>. Acesso em: 14/03/2022.

Referências Bibliográficas

ARRUDA, Ricardo Sinigaglia. **Crise no Underground Londrino: Uma Análise do Led Zeppelin IV**. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Paulo. Guarulhos, 2019. Disponível em: <https://repositorio.unifesp.br/handle/11600/59743>. Acesso em: 24/10/2022.

CHACON, Paulo. **O que é Rock**. São Paulo, Editora: Brasiliense, 1983. (Coleção Primeiros Passos).

COELHO, Frederico Oliveira. Revolução Comportamental no Século XX. In: **O século sombrio: uma história geral do século XX**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.

COMFORT, David. **O Livro dos Mortos do Rock: revelações sobre a vida e a morte de sete lendas do Rock'n Roll**. São Paulo: Aleph, 2010. p. 12 – 67.

Documentário **Metal: Jornada Headbanger**. Direção: Sam Dunn, Scot Mc Fadyen, Jessica Joy Wise. Produção: Bangers Filmes, 2005. Duração: 1h36m. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yHekU5x2hx8>. Acesso em 20/03/2022.

LEÃO, Tom. **Heavy Metal: guitarras em fúria**. São Paulo: Ed. 34, 1997. (Coleção Ouvido Musical).

MUNHOZ, Sidnei J. Guerra Fria: um debate interpretativo. In: **O século sombrio: Uma História Geral do Século XX**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004, p. 2018.

WALL, Mick. **Black Sabbath: a biografia**. 1 ed. São Paulo: Globo Livros, 2014.

WALL, Mick. **Led Zeppelin: Quando os gigantes caminhavam sobre a Terra**. 2 ed. São Paulo: Globo, 2017.

Sites consultados

El País, “Qual foi a primeira música de heavy metal da história?”, 2019. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/01/15/cultura/1547571872_058649.html. Acesso em: 13/03/2022

Polimorfismo Perverso, 2018, Blue Cheer: Mais Barulhentos que Deus. Disponível em: <https://polimorfismoperverso.wordpress.com/2018/06/10/blue-cheer-mais-barulhentos-que-deus/>. Acesso em: 14/03/2022.

Steppenwolf Criou o Termo Metal: Conheça a História do Gênero. Blog Jornalismo da UNAERP. Disponível em: <https://blogs.jornalismounaerp.com.br/2019/09/09/steppenwolf-criou-o-termo-metal-conheca-a-historia-do-genero/>. Acesso em: 16/03/2022.

Fontes

Jornal de Música: Rock, a História e a Glória. Rio de Janeiro: Maracatu Editora. n.º. 13, p. 5, 6. Disponível para download em: <https://www.collectorsroom.com.br/2015/02/edicoes-da-revista-rock-historia-e.html?m=1> . Acesso em: 11/03/2022.

Jornal de Música: Rock, a História e a Glória. Rio de Janeiro: Maracatu Editora. n.º. 19, p. 11. Disponível para download em: <https://www.collectorsroom.com.br/2015/02/edicoes-da-revista-rock-historia-e.html?m=1> . Acesso em: 11/03/2022.

Revista Fatos e Fotos. Brasília, 14 de novembro de 1968. Ano VIII, n. 406. p. 30, 31.